

A REPRESENTAÇÃO DE UMA CATOLICIDADE CRISTÃ PELO “CÂNON PRIMITIVO” NA OBRA CONTRA AS HERESIAS DE IRENEU DE LYON (SÉC. II D.C)

THE REPRESENTATION OF A CHRISTIAN CATHOLICITY BY THE “PRIMITIVE CANON” IN THE WORK AGAINST THE HERESIES OF IRENEUS OF LYON (2ND CENTURY AD)

Rafael Silva dos Santos¹⁰⁸

RESUMO

As origens de uma identidade cristã primitiva ainda são tema de debates, sobretudo no que diz respeito a formação do Canon. Quando surge a noção de "Escritura" para os cristãos? Quais ideias estariam presentes em seus primeiros escritos? E o que dita a origem de tais escrituras? Nesse trabalho buscamos entender como a existência de um "Canon Primitivo" anterior ao século II da nossa era, é uma evidência de uma identidade cristã primitiva.

PALAVRAS-CHAVE: Ireneu; Cânon Primitivo; Catolicidade.

ABSTRACT

The origins of a primitive Christian identity are still a subject of debate, especially with regard to the formation of the Canon. When did the notion of "Scripture" arise for Christians? What ideas would be present in your early writings? And what dictates the origin of such writings? In this work we seek to understand how the existence of a "Primitive Canon" prior to the 2nd century AD is evidence of a primitive Christian identity.

KEYWORDS: Ireneus; Primitive Canon; catholicity.

¹⁰⁸ Mestre em História Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Bolsista Nota 10 FAPERJ. Especialista em História da Igreja e do Pensamento cristão pela Faculdade Batista do Sul. Especialista em História Antiga e Medieval pelo CEHAM-UERJ. Graduado em História pela Universidade Estácio de Sá. E-mail: profrafaelsantos1992@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O cristianismo surge no I século d.C. como um movimento relativamente pequeno na Judéia, que então era uma das menos importantes províncias romanas. Os primeiros cristãos formavam um grupo diversificado até o final do século I; pobres e abastados se uniam em torno da crença na ressurreição de Cristo.

Mas as ideias cristãs passariam por novos níveis de complexidade a medida em que vários grupos étnicos adentrassem no seio dessa religião nascente. O primeiro grande embate, e a primeira grande discordância dos fieis cristãos surgiu após a entrada de gentios em um grupo de cristãos que era fundamentalmente judeu. As questões ligas a lei judaica e sua observação, e se esta deveria ser um critério para a salvação; os temas mais caros do judaísmo como a circuncisão, a dieta judaica e as festas religiosas (páscoa, pentecostes, etc.), todos estes deveriam fazer parte da vida dos cristãos gentios?

O livro de Atos dos Apóstolos narra um episódio onde estas questões foram debatidas, uma grande reunião ocorrida em Jerusalém e que contou com a participação de muitos cristãos, dentre eles alguns dos apóstolos originais, Tiago, irmão de Jesus e líder da igreja de Jerusalém, e alguns dos apóstolos originais como Simão Pedro e João. A principal temática foi o quanto da lei de Moisés os cristãos gentios deveriam guardar.

Entretanto, haviam descido alguns da Judéia e começaram a ensinar aos irmãos: “Se não vos circuncidardes segundo a norma de Moisés, não podereis salvar-vos”. Surgindo daí uma agitação e tornando-se veemente a discussão de Paulo e Barnabé com eles, decidiu-se que Paulo e Barnabé e alguns outros dos seus subiram a Jerusalém, aos apóstolos e anciãos, para tratar a questão. (Atos dos Apóstolos 15, v. 1, 2).

A “Controvérsia de Jerusalém” colocou em lados opostos dois grupos de cristãos¹⁰⁹, de um lado os mais judaizantes, representados por aqueles convertidos da seita dos fariseus¹¹⁰, e o outro grupo, o “partido dos gentios”, que tinha como seu maior

¹⁰⁹ Muitos pesquisadores costumam usar em casos assim o termo “cristianismos” dada a pluralidade de ideias. Nesse trabalho, porém, não defenderemos que exista, a grosso modo pelo menos, uma mistura de vários cristianismos que se desentendiam.

¹¹⁰ Atos dos Apóstolos 15:5

representante Paulo de Tarso. Teríamos então o embate entre dois tipos de cristianismos, um mais judaico e um mais gentio? Certamente que havia uma divergência, no entanto, esses grupos não eram diferentes entre si, uma única controvérsia não seria suficiente para subcategorizar o cristianismo nascente tão facilmente; de fato esses dois grupos tinham uma divergência significativa, mas a forma como tal controvérsia foi resolvida denota que esses diferentes não eram distintos assim.

A solução para essa primeira controvérsia cristã pode ser observada nas palavras de Tiago, então líder da comunidade cristã de Jerusalém:

Quando cessaram de falar, Tiago, tomou a palavra, dizendo: “Irmãos, escutai-me. Simeão acaba de expor-nos como Deus se dignou, desde o início, escolher dentre os gentios um povo dedicado ao seu Nome. Com isto concordam as palavras dos profetas, segundo o que está escrito: ‘Depois disto voltarei e reedificarei a tenda arruinada de Davi, reconstruirei as suas ruínas e a reerguerei. A fim de que o resto dos homens procurem o Senhor, assim como todas as nações dedicadas ao meu Nome, diz o Senhor que faz estas coisas conhecidas desde sempre.’ Eis porque, pessoalmente, julgo que se devam molestar aqueles que, dentre os gentios, se converterem a Deus.” (Atos dos Apóstolos 15, v. 13-19).

A resposta de Tiago foi baseada na Escritura, segundo ele próprio, “as palavras dos profetas”. Citando o profeta israelita Amós, Tiago sugere que a “tenda arruinada de Davi” foi reerguida através de Jesus Cristo, ou seja, o Messias descendente de Davi já reinaria simbolicamente em Jerusalém, e a prova disso era que, assim como profetizou Amós, as nações estariam buscando ao Senhor, o Deus de Israel.

Essa resposta pareceu agradar ambos os grupos discordantes, pois logo delegações destes partiram com cartas que traziam a resolução daquela conferência: os gentios seriam bem-vindos a igreja de Cristo, e não precisavam guardar as leis judaicas, pois Cristo era o rei que unia a todos.

Podemos observar então que os divergentes se calaram e passaram a concordar quando ouviram a “Escritura” – que à época era o que entendemos hoje como “Antigo Testamento”. Assim sendo, havia uma noção de “regra de fé” para os primeiros cristãos, regra essa que poderia resolver as mais complexas controvérsias. Estaria sendo lançada

na igreja primitiva as bases do que futuramente se conhecerá por “catolicidade”, ou seja, o reconhecimento de uma comunidade cristã para com a outra tendo como base uma crença comum.

O presente artigo irá trabalhar com esses elementos comuns a partir dos escritos Ireneu de Lyon, o qual combaterá os mestres gnósticos visando a existência de uma regra de fé cristã que vinha desde os apóstolos de Jesus, regra essa que aqui chamaremos de “cânion primitivo”.

CATOLICIDADE E CRISTIANISMO

Nos dias de hoje a palavra “católico” é normalmente atribuída a igreja romana unificada em torno do papado (MCBRIEN, 1996, p. 19), contudo, essa terminologia possui uma significação mais antiga. Oriundo do grego *katholou*, a palavra é composta de *katá* (de acordo, acerca de) e *holos* (todo), logo, uma tradução mais precisa para o termo católico seria “de acordo com o todo” ou “segundo o todo”. Essa conclusão é coerente uma vez que as primeiras comunidades cristãs possuíam certos elementos comuns entre si, os quais serviam para dar uma coesão às suas crenças e até aplacar certas diferenças.

O termo já havia sendo utilizado no contexto da eclesiologia cristã desde o século II; Inácio de Antioquia teria sido um dos primeiros a se valer deste termo. Assim, uma Igreja Católica não se baseia no fato de haver um Papa em Roma ¹¹¹, antes ela abarca aqueles que professam uma mesma fé em meio a diferenças.

Porém, ainda é válido salientar que certos mecanismos de igualdade devem ser empregados a fim de se estabelecer a comunhão entre igrejas que parecem ser tão diferentes. Não falamos aqui de cristianismos distintos entre si, mas de comunidades cristãs que possuíam diferenças étnicas e culturas, e em alguns casos até doutrinárias. Como tais grupos se uniriam “segundo um todo”? E que “todo” seria esse? Aqui defenderemos que a catolicidade cristã irá se construir a partir de uma mesma “regra

¹¹¹ Igrejas Ortodoxas Orientais, como a grega, copta e siríaca também usam o termo católico. Grupos protestantes como metodistas, luteranos e calvinistas também abraçam “católico” como uma palavra de união interdenominacional.

de fé”, a qual já pode ser encontrada no I século no episódio da Conferência de Jerusalém, mas será melhor desenvolvida por Ireneu de Lyon, pai da igreja do segundo século durante sua controvérsia contra os gnósticos.

IRENEU DE LYON

O debate da formação do cânon pode ainda não ter tido uma conclusão definitiva, mas seu início é bem datável. Ao longo do século II d.C. a igreja acabou por recorrer a escritos sagrados a fim de combater as heresias. Os gnosticismos e o marcionismo foram talvez os maiores inimigos de uma cristandade recém-chegada ao mundo. Assim, a defesa da fé cristã ocorre mediante ao uso de escritos já conhecidos pelas várias comunidades cristãs até aquele momento – escritos estes que não foram criados para tal fim apologético, antes eram documentos e tradições pré-existentes e cuja autoridade foi utilizada para combater as ideias que destoavam do cristianismo majoritário de então.

No que diz respeito ao uso de um “cânon primitivo”, nos valeremos das obras e ideias de Ireneu, bispo de Lyon, na atual França. Irineu buscou estabelecer uma defesa com base na autoridade dos escritos cristãos, contudo, resta uma dúvida, se não havia uma bíblia propriamente dita na época de Ireneu, a que este pai da Igreja recorria em sua apologética? Pensadores e teólogos católicos romanos irão levantar o uso da “tradição” como sendo a grande arma de Ireneu, contudo, como iremos apontar até o final deste trabalho, a “tradição apostólica” a qual Irineu irá recorrer serão nada mais e nada menos do que os próprios escritos apostólicos.

A vida de Ireneu está ligada a sua própria obra, e a pesar de ser conhecido como o bispo de Lyon, este pai da Igreja teria nascido na Ásia Menor, provavelmente em Esmirna, onde foi discípulo do bispo daquela cidade, Policarpo de Esmirna, que por sua vez teria sido discípulo do apóstolo João; então de uma certa maneira Ireneu teve contato com o que teria sido o “último sopro” da Era Apostólica (LITFIN, 2015, p. 79). Em algum momento entre 174 e 189 Ireneu foi presbítero entre as comunidades cristãs de fala grega na Gália (MINNS, 2008, p. 13), e posteriormente foi reconhecido como bispo da cidade de Lyon, na Gália romana.

Ainda acerca de Ireneu, W. Walker (2006, p. 95) aponta que:

Ireneu de Lião, ele próprio um imigrante para o Ocidente proveniente da Ásia Menor. Nascido cerca de 135 d.C., ele ficou conhecido na história primeiro como um presbítero da igreja em Lião. Durante a grande perseguição que ocorreu ali em 177, ele estava ausente em uma missão oficial a Roma. Quando de seu retorno, ele foi escolhido bispo para suceder a Patino, que havia sido martirizado. Foi em Lião que ele escreveu as duas grandes obras que presentemente possuímos: a Demonstração da Pregação Apostólica, que foi publicada pela primeira vez no início do século vinte; e a obra muito mais extensa em cinco livros que ele intitulou Uma Acusação e Destruição do Falsamente intitulado “Conhecimento”, mas que a tradição tem mais convenientemente denominado Contra as Heresias. Esta importante obra foi completada provavelmente por volta de 185. Ireneu faleceu cerca de 200, segundo a tradição como mártir.

A vida de Ireneu foi marcada por transições eclesiásticas comuns, e também por perseguições aos cristãos, as quais eram comuns na época. Pouco antes de se tornar bispo em Lyon, houve uma perseguição e martírio de vários cristãos na região da Gália. Eusébio de Cesareia menciona em sua História Eclesiástica que Ireneu, mesmo enquanto presbítero, foi digno de recomendação ao bispo de Roma, e isso por sua visibilidade e desempenho ao Evangelho de Cristo em meio a perseguição:

(...) recomendando também a Ireneu, então presbítero da igreja de Lyon, ao bispo de Roma acima mencionado, dão amplo testemunho em seu favor, conforme, mostram os seguintes extratos: “Oramos e desejamos, pai Eleutero, que possas regozijar em Deus em todas as coisas sempre. Pedimos a nosso irmão e companheiro Ireneu que levasse a ti esta epístola e exortamos que o consideres recomendado ti como zeloso seguidor do testamento (aliança) de Cristo. Pois se soubéssemos de alguma posição que pudesse conferir justiça a alguém, com certeza o recomendaríamos entre os primeiros como presbítero da igreja, o posto que ele ocupa. (EUSÉBIO DE CESAREIA, História Eclesiástica, V. 4, 1).

A fala de Eusébio traz a tona a valorização que a comunidade a qual Ireneu pertencia lhe dava como importante figura defensora da fé cristã e da igreja. O que faz sentido se levarmos em conta o que a igreja gaulesa passava naqueles dias. Primeiramente, como relata Eusébio, havia a perseguição e o martírio. As comunidades cristãs criavam assim uma “rede de sustentabilidade”, buscando apoio mútuo através pregadores itinerantes e até cartas que percorriam toda a extensão do Império (MINNS, 2008, p. 262).

Essa comunicação, ou melhor, este diálogo entre as igrejas, é o que permitia inteirações, e ainda que diferentes, essas igrejas possuíam elementos em comum e se reconheciam como a Igreja de Cristo, e é justamente essa crença que permitiu a igreja de Lyon aceitar e recomendar ao bispo de Roma Ireneu, que até então estava ligado às igrejas

orientais. É essa unidade na diversidade que fornecerá parte dos argumentos de Ireneu contra os gnósticos. Afinal a Igreja existe como uma só estrutura mesmo havendo centenas de comunidades cristãs distintas, o cristianismo jamais foi uma uniformidade (nem mesmo na era apostólica), contudo, observa-se na teologia de Ireneu de Lyon uma defesa de um *imaginário social*¹¹² por meio da escritura/tradição, e ainda pela “sucessão apostólica”.¹¹³

A própria eclesiologia de Ireneu servirá como marca de sua apologética e teologia. Em suas obras, sobretudo em seu trabalho contra os gnósticos, Ireneu vai se valer da estrutura de uma igreja baseada na tradição dos apóstolos, isto é, dos escritos deixados por eles, nos quais haviam ensinamentos que conectavam toda a cristandade.

O que pode ser dito então acerca de Ireneu pode ser resumido em três pontos principais: 1 – Esse pai da igreja foi fundamental para a propagação de uma tradição cristã, ou ao menos por demonstrar que existe uma só “bandeira” para todos os cristãos; 2 – a situação da igreja na época de Ireneu era de estar dividida entre a perseguição e a “heresia”, e logo que o martírio passou se iniciam os debates com mais vigor devido o que seria uma nova heterodoxia que seria o que conhecemos hoje como gnosticismo; 3 – por fim, Ireneu nos permite rastrear a existência de uma Escritura mesmo antes da controvérsia de Marcião e formação do Cânon Muratoriano¹¹⁴, e isso porque Ireneu em seus escritos defende uma tradição escrita e oral que é anterior ao seu próprio período. A defesa de que os cristãos sempre tiveram um “livro sagrado” pode assim ser apreendida dos escritos de Ireneu, tal como pretendemos demonstrar ao longo deste trabalho.

Mas para além de Ireneu é necessário conhecer àqueles quem ele está combatendo, ou seja, os chamados gnósticos. Esses mestres buscaram romper com uma tradição cristã existente ou apenas eram mais uma das muitas comunidades cristãs existentes.

¹¹² O termo aparece no trabalho do antropólogo holandês Bronislaw Baczko intitulado “A Imaginação Social”. Baczko defende que uma sociedade, composta por diferentes grupos, pode se harmonizar a partir do momento que se unifica sob uma mesma regra, crença e norma. Assim uma sociedade se constitui a partir de um imaginário unificado e coeso para todos. (cf. BACZKO, 1985).

¹¹³ Este trabalho não emprega o termo partindo do princípio desenvolvido pela igreja medieval, ou seja, de uma sucessão ininterrupta de bispos (papas) que veio desde de Pedro, o apóstolo. A sucessão apostólica aqui está correlacionada àqueles que propagaram a Escritura, recebendo-a dos apóstolos e mantendo vivos seus ensinamentos, seja de maneira escrita ou oralmente.

¹¹⁴ Cf. ARAÚJO, 2005, p. 25.

A virada do século I para o século II trouxe uma série de dificuldades para as comunidades cristãs primitivas. Todos os apóstolos já haviam morrido, Jesus ainda não havia voltado – tal como era expectativa de muitos ainda no I século – e as sutis diferenças entre o cristianismo e o judaísmo agora já não eram tão sutis, e Roma, ao fazer tal separação, revoga os direitos de *religio licita*, ou seja, o direito de ser uma religião permitida e protegida pelo império (MCDONALD, 2013, p. 162); enquanto Roma acreditava serem os cristãos mais um “tipo de judeus”, não haviam motivos reais para sua marginalização, contudo, agora a situação mudaria. E além de marginalizados pelos romanos os cristãos ainda teriam que enfrentar problemas internos, estas seriam as “heresias”.¹¹⁵

Um dos primeiros grupos que surgiriam como opositores do cristianismo seriam os gnosticismos. Entendemos que tal movimento, assim como o cristianismo, foi multifacetado, ganhando diversas formas ao longo do tempo, de modo que podemos falar de “comunidades gnósticas” da mesma forma que podemos falar de “comunidades cristãs”.

O que foram esses gnosticismos? Sua trajetória, por mais incrível que possa parecer, começa muito tempo antes do próprio cristianismo. No século IV a.C. com as conquistas de Alexandre, o Grande, o helenismo, ou seja, a expansão de tudo que era grego, começou a ser propagado através do vasto império macedônico. Culturas começariam a se misturar de modo que as pessoas seriam confrontadas com vários deuses, vários mitos de criação do mundo, etc. Muitas dessas narrativas eram contraditórias, o que levava as pessoas a unir suas próprias crenças a outras, assim surgia um mundo helenizado, sincrético e talvez até mais eclético.

Sobre esse ecletismo advindo do helenismo Gerd Theissen (2009, p. 315) faz o seguinte apontamento:

A condição para o surgimento da gnose era a insuficiência das religiões tradicionais. No período helenista, as pessoas haviam-se contentado com uma síntese das diversas religiões pela identificação de diversos deuses – até o ponto de um monoteísmo sintético, que vê, por trás de todos os deuses, no fim das contas, o mesmo Deus. Com o passar do tempo, essa forma de tratar o pluralismo religioso não foi suficiente. Na gnose, a situação religiosa do pluralismo não foi superada por meio da equivalência de todas as religiões, mas, sim, por sua radical desvalorização como estágio preparatório para uma religião mais elevada. Por conseguinte, a gnose podia aninhar-se em diversos sistemas simbólicos religiosos, prometendo superar todos.

¹¹⁵ Há um debate sobre qual seria o termo mais apropriado para se referir as divergências teológicas do cristianismo primitivo. Os termos “heresia” e “heterodoxia” são os mais utilizados. Contudo, no presente trabalho não usaremos nenhum dos dois, referindo-nos aos movimentos opostos ao cristianismo pelos seus próprios nomes e ideias.

Observamos que para o autor, essa “gnose”, ou “proto-gnosticismo” teve como característica a penetração e a sobrevivência noutras religiões, quase que de forma parasitária. A insatisfação com as religiões tradicionais e a chegada de um mundo de filosofias e crenças novas tornaria a busca pelo verdadeiro conhecimento (gnose) algo muito atrativo. Assim, se uma crença tivesse algum problema intrínseco seria apenas porque ainda não se descobriu a verdade da gnose, de modo que qualquer religião pode ser “concertada” sobrepondo-a com outras religiões. No caso do cristianismo, se há algo aparentemente incoerente com a fé cristã bastaria apenas preencher as lacunas com algo de outra fé ou filosofia, pois o importante é o alcance do conhecimento.

Nesse sentido podemos falar que o gnosticismo é anterior ao cristianismo, e o que Ireneu e outros apologistas estarão combatendo nada mais é do que um gnosticismo cristão, este por si só já multifacetado.

Boa parte do que conhecemos acerca desses gnosticismos cristãos vem de duas fontes principais: primeiramente as obras de Ireneu de Lyon as quais foram durante muito tempo as mais utilizadas; após 1945, no entanto, foi descoberta no Egito uma coletânea de escritos gnósticos em Nag Hammadi. Nessa “biblioteca gnóstica” foram encontrados desde evangelhos com características gnósticas até os escritos de Valentim, um mestre gnóstico do II século d.C. O chamado “Evangelho da Verdade” é uma das principais obras de Valentim, e também acaba por ser base para o gnosticismo valentiniano, o qual será uma fonte de problemas para o cristianismo do século II.

Essa vertente de gnosticismo cristão conhecido como valentianismo ganha seu nome de Valentim, de cuja vida pouco sabemos. Ele teria ensinado no Egito por volta de 137, e possuía uma proeminência significativa para o ensino, sendo inclusive considerado para ser um possível candidato ao cargo de bispo de Roma (MATIAS, 2011, p. 2481). Joan O’Grady aponta que Valentim considerava-se um cristão legítimo, buscando criar uma filosofia cristã que tornasse o cristianismo aceitável para uma sociedade helenizada do Egito e de Roma (O’GRADY, 1994). A autora ainda diz que o “Evangelho da Verdade” pode ter tido alguma contribuição de Valentim, embora não se possa comprovar plenamente sua autoria.

É objeto de debate quanto ao porquê das ideias valentinianas terem surgido e se propagado tão rapidamente. Tertuliano dizia que Valentim tinha desejos políticos, e almejava

ser o bispo de Roma, e como não conseguiu, buscou criar um grupo rival (PAGELS, 1979). Optamos, contudo, em seguir a vertente de que o gnosticismo de Valentim seguia o mesmo curso do ecletismo helênico que vinha desde o século IV a.C. Como “novidade” teriam os gnósticos cristãos apenas trazido à tona a salvação por meio da gnose (conhecimento), um nível de espiritualidade que somente poucos alcançariam. É contra tal ideia soteriológica que Ireneu irá revidar.¹¹⁶

O CÂNON-PRIMITIVO

A “ortodoxia” que será defendida por Ireneu de Lyon é fundamentalmente um reflexo dos escritos cristãos que já em sua época. Denis Minns observa que para Ireneu, João e Paulo são partes importantes na construção de uma “ortodoxia cristã” (MINNS, 2008, p. 264).

Não é então de se estranhar que Ireneu inicia sua defesa contra os gnósticos referenciando o apóstolo Paulo.¹¹⁷ Ireneu se apropria do discurso paulino quando na primeira epístola a Timóteo o apóstolo alerta ao seu discípulo sobre aqueles que se infiltram nas igrejas criando discussões e discursos mentirosos “*e genealogias sem fim, as quais favorecem mais as discussões do que o desígnio de Deus, que se realiza na fé*”.¹¹⁸

Os gnósticos contra os quais Ireneu está escrevendo, possuíam um sistema de crenças profundamente atrelado ao dualismo e ao platonismo. A noção de “Deus” era totalmente distinta do que a cristandade do II século d.C. apregoava, de modo que todo o sistema gnóstico não era uma disputa política ou meramente filosófica, antes buscava desconstruir toda uma tradição cristã baseada nos Escritos Sagrados do cristianismo.

Ireneu escreve que para os gnósticos havia o Pleroma, o mundo espiritual onde um ser Criador, o “Pai” habitava. Dele nasceram filhos, os chamados Eões (os “séculos”, os “eternos”). Um dos eões femininos, Acamoth, teve desejo por seu Pai, e a fim de expurgar tal desejo deu à luz ao Demiurgo, o qual foi o criador de todas as coisas passageiras, corruptíveis e

¹¹⁶ GRENZ, Stanley; GURETZ, David; NORDLING, Cherith. Dicionário de Teologia. São Paulo: Vida, 2000.

¹¹⁷ *Contra as Heresias*, I, v. 1.

¹¹⁸ I Tm 1:4, In: Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

materiais.¹¹⁹ Assim os gnósticos acreditavam ser o mundo físico o fruto de uma paixão pecaminosa, e oriundo do projeto de um “deus mal”.¹²⁰

Vemos que essa estrutura gnóstica é basicamente uma teogonia, e praticamente uma releitura dos antigos mitos politeístas. O que se torna compreensível se lembrarmos aqui o já referido caráter eclético e de sincretismo presente na mentalidade gnóstica.

A defesa de Ireneu contra essas ideias gnósticas se baseará tão somente nos escritos apostólicos e a literatura judaica que conhecemos hoje como “Antigo Testamento”. Contudo, a fim de entendermos melhor o que Ireneu está utilizando, é válido primeiro compreender acerca das principais fontes utilizadas no segundo século.

Havia uma vasta literatura cristã sendo produzida na segunda metade do segundo século – muitos desses escritos seriam posteriormente incluídos em listas de cânons aceitos pelas várias comunidades cristãs. Até aquele momento destacam-se obras como as “Interpretações dos oráculos do Senhor”, atribuídos a Papias de Hierápolis; uma carta aos Filipenses, de Policarpo; “O Martírio de Policarpo”; sete epístolas de Inácio de Antioquia e a “Epístola de Barnabé”; além do “Didaquê” e alguns escritos escatológicos como o “Apocalipse de Pedro”.

Nenhum destes escritos seria “canonizado” posteriormente, embora alguns dos referidos textos tenham estado em debate quanto sua autoria e figuração em posteriores listas de livros canônicos, foi o caso da “Epístola de Barnabé” e do “Didaquê”.

Porém, a literatura do segundo século não era nem de longe a base do cristianismo; as documentações do primeiro século seriam a real “norma de fé” seguida por todos esses escritores, e ironicamente até pelos mestres gnósticos.

Acerca do uso da Escritura pelos gnósticos Ireneu escreve:

E não só nos Evangelhos e nos escritos apostólicos procuram suas interpretações extravagantes e exegeses adaptadas, mas também na Lei e nos profetas, em que se acham muitas parábolas e alegorias que podem ser mal interpretadas por causa da multiplicidade dos sentidos, adaptando artificiosamente a sua ambiguidade às suas fantasias, levando assim longe da verdade os que não conservam fé inabalável no

¹¹⁹ Op.Cit. I, v. 4.1-2.

¹²⁰ Esse seria possivelmente o mesmo “Deus do Antigo Testamento” apresentado por Marcião, e a razão para que ele tenha buscado demonizar não só a “Antiga Aliança”, mas como também o próprio judaísmo, o qual ainda buscavam manter viva a adoração de um deus que, segundo Marcião, havia criado o mundo corrompido, o pecado e o mal.

único Deus Pai todo-poderoso em Jesus Cristo seu único Filho. (*Contra as Heresias*. I, v. 3,6).

É notório o uso das Escrituras por parte dos gnósticos, e assim será também o seu uso por parte de Ireneu a fim de rebatê-los:

Com efeito, a Igreja espalhada pelo mundo inteiro até os confins da terra recebeu dos apóstolos e seus discípulos a fé e um só Deus, Pai e onipotente, que fez o céu e a terra, o mar e tudo quanto nele existe; em um só Jesus Cristo, Filho de Deus, encarnado para nossa salvação; e no Espírito Santo que, pelos profetas, anunciou a economia de Deus; e a vinda, o nascimento pela Virgem, a paixão, a ressurreição dos mortos, a ascensão ao céu, em seu corpo, de Jesus Cristo, dileto Senhor nosso; e a sua vinda dos céus na glória do Pai, para recapitular todas as coisas e ressuscitar toda carne do gênero humano; a fim de que, segundo o beneplácito do Pai invisível, diante do Cristo Jesus, nosso Senhor, Deus, Salvador e Rei, todo joelho se dobre nos céus, na terra e nos infernos e toda língua o confesse. (Ibidem. I, v. 10,1).

A defesa de Ireneu se consiste em afirmar que houve somente um Deus Pai e criador de todas as coisas – como o é apontado no Antigo Testamento – e que esse Deus bom e justo enviou Jesus Cristo para morrer pelos pecados da humanidade, ressuscitar, ascender aos céus e um dia voltar a fim de ressuscitar os mortos de sua Igreja e reinar para sempre com eles (basicamente um precursor do Credo Apostólico). Ireneu se vale da tradição judaica a fim de afirmar que o Deus criador de Gênesis é o Deus de Jesus Cristo, assim confirmando a literatura judaica como sagrada e divinamente inspirada, sendo assim o cristianismo a continuidade natural, ou ainda a consumação do judaísmo veterotestamentário.

Podemos então perceber que tanto Ireneu quanto os gnósticos fazem uso do Antigo e do Novo Testamento, o que nos leva a pensar que havia de fato uma Escritura cristã antes de qualquer oficialização de listas canônicas; os primeiros cristãos evocavam a “tradição apostólica” que nada mais era do que os Escritos dos apóstolos, e a preservação da fé cristã, uma Escritura ou ainda “regra de fé”.¹²¹

Agora é possível olharmos para essa literatura do segundo século e notar como um “cânon” ou ainda um “protocânon” já era frequentemente utilizado pelas primeiras comunidades cristãs. Nos dedicaremos na parte final deste trabalho a compreender o que é esse “protocânon” e como ele se fez presente no contexto do segundo século.

¹²¹ Aland (1962, p. 18) defende o uso de *regula fidei* (a “regra de fé”) para traduzir “cânon”. Para o autor essa palavra já era empregada no segundo século, embora não se referisse a uma lista de escritos, mas sim ao conjunto de crença do cristianismo.

Até aqui procuramos tratar acerca da situação em que Ireneu de Lyon se encontrava na segunda metade do século II, ou seja, seus embates contra os gnósticos; buscamos também tratar acerca da natureza do que eram os gnosticismos, ainda que de forma breve, mas pontuando que esses grupos arrogavam para si uma tradição própria. Esses gnósticos, conforme Ireneu, ensinavam escritos secretos acerca de Jesus os quais não se encontravam em nenhum escrito apostólico, fossem Evangelhos ou epístolas, sendo somente os escolhidos aptos para receber a libertadora gnose que lhes salvaria do mundo corrompido, eles teriam assim acesso ao Pleroma e aos mistérios dos quais somente eles poderiam desfrutar e compreender.¹²²

Está claro que para Ireneu a melhor maneira de combater esses mestres gnósticos seria usar o que ele considerava como a verdadeira tradição cristã, ou seja, os escritos dos apóstolos, afinal, como escreveu o próprio Ireneu: *“quem possui a indefectível Regra da verdade aprendida no batismo reconhecerá os nomes, as expressões, as parábolas que são das Escrituras, mas não a teoria blasfema deles.”* (IRENEU. *Contra as Heresias*. I, v. 9,4).

Mas a pergunta que talvez ecoe é: de qual “Escritura” Ireneu está se referindo? Havia um “cânone” nos dias de Ireneu ou mesmo na época dos apóstolos? Seria um anacronismo responder com certeza absoluta, contudo, é notável que haviam escritos cristãos de consulta e como norma nos dias de Ireneu. Como já demonstramos, tanto os cristãos quanto os gnósticos faziam uso dessas documentações a fim de provarem suas respectivas ideias.

Mas o que era de fato esse “protocânnon”? A palavra “cânnon” só seria empregada por Orígenes no século III d.C. com um sentido mais próximo do que conhecemos hoje (BRUCE, 1991, p. 86), porém, ela também irá aparecer nos escritos do Novo Testamento, ainda que com uma conotação distinta, não se referindo a uma lista de escritos (ARAÚJO, 2005, p. 22). O “protocânnon” nesse sentido seria a mesma “Regra da verdade” mencionada por Ireneu, a tradição oral e escrita, não uma tradição infalível passada dentre os “sucessores de Pedro”, mas escritos e ditos de Jesus e de seus apóstolos.

E de fato o cristianismo sempre possuiu seus escritos sagrados. Como argumenta Phillip Vielhauer, o que entendemos por Antigo Testamento sempre foi uma Escritura para os cristãos, e posteriormente, a “canonicidade” seria forjada a partir do momento em que um

¹²² *Contra as Heresias*. I, v.3,1.

escrito era colocado em pé de igualdade com o AT – logo, se um escrito neotestamentário está no mesmo patamar dos escritos sagrados hebraicos, este pode ser considerado canônico e de igual inspiração divina (VIELHAUER, 2005, p. 807).

De fato, a igreja colocava os escritos dos judeus (“Antigo Testamento”) em pé de igualdade com o que seria chamado de “Novo Testamento”. É exatamente isso que Justino de Roma, um contemporâneo de Ireneu, escreveu em sua primeira Apologia:

No dia que se chama sol, celebra-se uma reunião de todos os que moram nas cidades ou nos campos, e aí se leem, enquanto o tempo o permite, as memórias dos apóstolos ou os escritos dos profetas. Quando o leitor termina, o presidente faz uma exortação e convite para imitarmos esses belos exemplos (*I Apologia*. 67. 3,4).

Dada a fala de Justino de que os cristãos de seu tempo se reuniam no “dia do sol” (o primeiro dia da semana para os romanos) para lerem as memórias dos apóstolos – que poderia ser uma referência aos Evangelhos – e os escritos dos profetas do AT, havendo certa ênfase dos profetas e na Torá e nos Salmos, pois não está claro se os demais livros veterotestamentários estavam em voga no segundo século (YOUNG, 2008, p. 7), é notório de que havia um conjunto de escritos que se constituíam como base para os cristãos, de modo que quando surgem os mestres gnósticos professando uma fé distinta da apresentada nos referidos escritos, ocorre uma reação que tem como fundamento essa Escritura, esse “cânon antes do cânon”.

Por isso é que aqui fazemos a diferença propriamente dita entre o “cânon oficial” – o qual irá se construir até o século IV e talvez até em datas posteriores – e o que chamamos aqui de “protocânon”, o qual nada mais é do que aquela Escritura usada pelos primeiros cristãos, a qual irá ganhar certo destaque no segundo século dada a controvérsia gnóstica. Desse modo a antiga tese de que a heresia precede a ortodoxia não se sustenta a partir do momento em que identificamos uma Escritura sendo utilizada pelo menos deste o final do primeiro século.

123

Dentro desse contexto, a tese de Andreas J. Köstenberger e Michael J. Kruger parece ser mais coerente com o contexto do segundo século. Em seu livro “A Heresia da Ortodoxia”

¹²³ A segunda carta de Pedro parece equiparar as cartas de Paulo ao AT quando se referem a elas como sendo γραφή (“Escrituras”). (II Pedro 3:16 *In*: Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002).

os autores buscam rebater a tradicional tese de Bauer-Ehrman, o qual trazia um cristianismo multiforme e com ideias distintas, e que a ortodoxia cristã foi fruto das heresias, sendo necessários surgirem os “hereges” a fim que surgisse posteriormente a bíblia para combatê-los.¹²⁴

A tese tradicionalista de Bauer-Ehrman não leva em conta que por mais que houvessem comunidades cristãs distintas, havia também uma mesma “regra de fé” que identificava os cristãos. Eram todos guiados pela crença de que Cristo havia morrido por seus pecados e que voltaria para reinar com sua Igreja. Elementos esses que já estavam presentes nos Evangelhos, nas epístolas e, de certo modo nos profetas hebreus e na Torá, os quais se uniam como “Escritura” pela crença de que suas respectivas inspirações procediam da iluminação do Espírito Santo, logo eram divinamente confiáveis (MINNS, 2008, p. 267).

Antropologicamente falando, a cristandade se unia através de crenças comuns que eram capazes de romperem os marcos e limites geográficos, desse modo as igrejas da Ásia tinham tudo em comum com as do Ocidente europeu. É o que Bronislaw Baczko irá chamar de imaginação social. Nas palavras de Baczko:

A fim de que uma sociedade exista e se mantenha, assegurando um mínimo de coesão, é preciso que os agentes sociais acreditem na superioridade do facto social sobre o fato individual, que se dotem de uma “consciência coletiva”, isto é, um fundo de crenças comuns que exprima o sentimento da existência da coletividade. (BACZKO, 1989, p. 306).

A tese de Baczko certamente não trata das comunidades cristãs do segundo século, antes o antropólogo busca entender os grupos sociais de maneira mais abrangente, e nesse caso as comunidades cristãs se encaixam pois são os diferentes que tem elementos em comum, e a fim de adquirirem certa coesão, e de estarem unificados sob o nome “cristãos”, necessariamente teriam que compartilhar elementos em comum. Existem crenças e ritos próprios em cada comunidade, contudo, há uma imaginação coletiva, um imaginário social que unifica esses vários grupos cristãos.

¹²⁴ KOSTENBERGER, Andreas J; KRUEGER, Micheal. J. *Heresia da Ortodoxia. Como o fascínio da cultura contemporânea pela diversidade está transformando nossa visão de cristianismo primitivo*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2014.

Entendemos que o imaginário social dos cristãos do segundo século, e o que os distinguia e dava legitimidade contra os gnósticos, era justamente os escritos sagrados, e mesmo uma tradição oral partida dos apóstolos de Jesus.

Não negamos, contudo, que a formação de um cânon mais maciço se deu graças a contribuições dos grupos antagônicos. É certo que a Igreja precisou se defender de vários grupos sectários logo em seus primórdios, fossem gnósticos, marcionitas ou montanistas (MCDONALD, 2013, p. 163).

É comumente atribuído a Marcião de Sínope a criação de um primeiro cânon bíblico, sendo este fortemente influenciado pelo gnosticismo (apesar de não ser um deles) quando atribui a corrupção do mundo ao Demiurgo referido pelos gnósticos – este chamado por Marcião de “Deus do Antigo Testamento”. Marcião dizia que o Deus verdadeiro era o Deus que enviou Jesus, e que, portanto, devia-se rejeitar a Torá, os profetas e o próprio judaísmo. Marcião então cria sua lista de livros sagrados, um “cânon” composto apenas por textos alterados do Evangelho de Lucas e das cartas de Paulo (PADOVESE, 2015, p. 46).

Mas mesmo com tal ação, o “cânon marcionita” sucedeu a “regra da verdade” mencionada por Ireneu, de modo que mesmo antes Marcião ou de qualquer líder sectário, já havia a noção de Escritura, fosse fundamentalmente judaica ou referente aos escritos dos apóstolos ou tradições sorais acerca das falas e ensinamentos de Jesus.

De modo mais prático, seria um erro atribuir o surgimento do que entendemos como Bíblia tão somente a defesa contra os chamados “hereges”. O historiador Justo González (2022, p. 26,27) cita pelo menos três fatores que propiciaram a organização do cânon: 1 – a necessidade de se ter livros mais explícitos que tratassem da vida e da obra de Jesus; 2 – a importância que se dava a comunicação entre as igrejas – há aqui uma leve referência às igrejas do primeiro século, o próprio Paulo usava suas cartas como diretriz para mais de uma igreja (cf. Cl. 4:16), de modo que a circulação de documentos ligados aos apóstolos era uma prática não só educativa mas que também ajudaria na manutenção doutrinária e na construção de um mesmo imaginário a todas as igrejas; 3

– por fim também houve a questão do combate as heresias, pois era necessário que a regra de fé estivesse mais robusta e comum a todos.

CONCLUSÃO

Para concluir este trabalho novamente nos remetemos aos escritos de Ireneu, o qual defendia uma mesma regra de fé e prática para toda a cristandade. Para esse Pai da Igreja a fé era escrita e não somente oral, e o que Ireneu irá chamar de “tradição apostólica” nada mais é do que a junção dos escritos e dos pensamentos de Cristo e dos apóstolos oralidade.

Acerca disso Ireneu escreveu o seguinte:

Não foi, portanto, por ninguém mais que tivemos conhecimento da economia da nossa salvação, mas somente por aqueles pelos quais chegou o Evangelho, que eles primeiro pregaram e, depois, pela vontade de Deus transmitiram nas Escrituras, para que fosse para nós fundamento e coluna da nossa fé.¹²⁵

A tradição que Ireneu refere-se é o legado dos apóstolos, manifestado nos ensinamentos ainda presentes no segundo século, isso seria um representante da tradição oral do “protocânon”, mas acerca da Escritura Ireneu ainda afirma:

Assim, Mateus publicou entre os judeus, na língua deles, o escrito dos Evangelhos, quando Pedro e Paulo evangelizavam em Roma e aí fundavam a Igreja. Depois da morte deles, também Marcos, o discípulo e intérprete de Pedro, nos transmitiu por escrito o que Pedro anunciava; Por sua parte, Lucas, o companheiro de Paulo, punha num livro o Evangelho pregado por ele. E depois, João, o discípulo do Senhor, aquele que recostara a cabeça ao peito dele, também publicou o seu Evangelho, quando morava em Éfeso, na Ásia.¹²⁶

Vemos que a ideia de escritos sagrados não é uma invenção do segundo século e tão pouco de épocas mais tardias como quando na reunião Concílio de Niceia em 325. Sempre foi a marca ou característica do cristianismo primitivo recorrer a escritos sagrados, e vemos com Ireneu e em seu combate aos sectários, não a criação de algo novo, mas o reforço daquilo que já havia sido deixado pelos apóstolos.

¹²⁵ *Contra as Heresias*. III. 1,1.

¹²⁶ *Op. Cit.* III, 2.

Assim é possível entender que o “protocânon” é a perfeita união entre oralidade e escritos, e que se tornou o ponto de partida para que outros, como Tertuliano e Agostinho, muito tempo depois de Ireneu, compilassem os escritos mais utilizados por suas comunidades e assim criassem suas listas próprias de livros sagrados. Mas vale dizer que a unidade dos cristãos sempre esteve presente na doutrina manifestada nessas Escrituras, de modo que o cânon e a tradição são inseparáveis, não foi a igreja quem criou a bíblia, antes, ligada por um mesmo imaginário social e comum, os cristãos foram capazes de reconhecer os livros que eram o reflexo de seus ideais e pontos comuns, fazendo assim com a canonicidade precedesse a autoridade da igreja, primeiro vem o cânone, a Escritura, e somente depois as decisões dos concílios (ALAND, 1962, p. 18).

A Escritura assim é anterior as heresias, aos concílios ecumênicos e a união da igreja com Roma em séculos mais tardios. O cânon da escritura torna-se assim algo natural que, mediante a pregação cristã e ao crescimento da Igreja, se tornaria necessário, e ali estaria a fim de servir aos apologistas cristãos e aos demais membros da cristandade crescente.

Esse cânon primitivo também funciona como elemento unificador para as várias comunidades cristãs. Da mesma forma que a controvérsia de Jerusalém descrita em Atos 15 fora sanada por uma “Escritura”, a questão dos gnósticos foi respondida por Ireneu utilizando também uma “Escritura”. Essa Regra de Fé cristã primitiva torna-se assim a base da catolicidade dos cristãos, tornando o cristianismo não um movimento de muitas faces que nunca se aproximam umas das outras, mas sim uma filosofia religiosa que se estabelece na união de grupos tão diferentes, os quais creem que os escritos apostólicos são sua norma e regra de fé criando assim uma unidade em meio a diversidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOCUMENTAÇÃO

A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

EUSÉBIO DE CESAREIA. *História Eclesiástica*. Rio de Janeiro: CPAD, 2019.

IRENEU DE LIÃO. *Contra as Heresias*. São Paulo: Paulus, 2021.

JUSTINO DE ROMA. *I Apologia*. São Paulo: Paulus, 2021.

BIBLIOGRAFIA

- ALAND, Kurt. *The Problem of the New Testament Canon*. London: A.R. Mowbray & Co. Limited, 1962.
- ARAÚJO, Tarcísio Caixeta de. *O Segundo Século e o Cânone do Novo Testamento*. Revista Teológica Prática, Belo Horizonte, v. 3, n. 6, p. 19-32, 2º sem. 2005.
- BACZKO, Bronislaw. *A Imaginação Social*. In: LEACH; EDMUND (et.al). *Anthropos-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- BRUCE, F.F. *The Books and the Parchments*. Glasgow: HarperCollin, 1991.
- GONZAGA, Waldecir. *O Corpus Paulinum no Cânon do Novo Testamento*. ATeo, Rio de Janeiro, v. 21, n. 55, p. 19-41, jan./abr. 2017.
- GONZALES, Justo. *A Bíblia na Igreja Antiga*. Sua criação, Uso e Interpretação. Rio de Janeiro: CPAD, 2022.
- GRENZ, Stanley; GURETZ, David; NORDLING, Cherith. *Dicionário de Teologia*. São Paulo: Vida, 2000.
- KOSTENBERGER, Andreas J; KRUEGER, Micheal. J. *Heresia da Ortodoxia. Como o fascínio da cultura contemporânea pela diversidade está transformando nossa visão de cristianismo primitivo*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2014.
- LITFIN, Bryan M. *Conhecendo os Pais da Igreja. Uma introdução evangélica*. São Paulo: Vida Nova, 2015.
- MATIAS, Carlos Almir. *Os Valentinianos e a Ruptura com o Cristianismo Eclesiástico no século II*. Congresso Internacional de História, 21 a 23 de setembro, 2011.
- MCDONALD, Lee Martin. *A Origem da Bíblia. Um guia para os perplexos*. São Paulo: Paulus, 2013.
- MCBRIEN, Richard P. *Catholicism: New Study Edition*. San Francisco: HarperOne, 1994.
- MINNS, Dennis. *Truth and Tradition: Irenaeus*. In: MITCHEL, Margaret M; YOUNG, Frances M. *The Cambridge History of Christianity. Vol 1: Origins to Constantine*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- O' GRADY, Joan. *Heresias*. São Paulo: Mercuryo, 1994.
- PADOVESE, Luigi. *Introdução a Teologia Patrística*. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

PAGELS, Elaine. *Os Evangelhos Gnósticos*. São Paulo: Cultrix, 1979.

THEISSEIN, Gerd. *A Religião dos Primeiros Cristãos. Uma teoria do cristianismo primitivo*. São Paulo: Edições Paulinas, 2009.

VIELHAUER, Philipp. *História da Literatura Cristã Primitiva. Introdução ao Novo Testamento, aos Apócrifos e aos Pais Apostólicos*. São Paulo: Academia Cristã, 2005.

WALKER, W. (et.al). *História da Igreja Cristã*. São Paulo: Aste, 2006.

YOUNG, Frances. *Introduction: the literary culture of the earliest Christianity*. In: YOUNG, Frances (et.al). *The Cambridge History of Early Christian Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.